

**A QUESTÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA  
TRADUÇÃO DA OBRA 1984 DE GEORGE ORWELL**

*Mirela Magnani Pacheco*<sup>10</sup>

Foram analisadas durante esse trabalho as mudanças ocorridas no caminho entre o texto original e a tradução da obra *1984* de George Orwell, colocando em contraste os diálogos das personagens dos dois textos no que diz respeito à Variação Linguística. A título de introdução, foram comentados aspectos relacionados à vida e obra do autor e também à obra analisada, como o tempo e o espaço, o foco narrativo, a divisão de classes e a caracterização das personagens. Foi feita ainda uma breve conceituação do termo Variação Linguística, além de comentários sobre o estudo da tradução de textos na era da globalização.

Primeiramente, é importante lembrar que se vive hoje em um mundo globalizado, dominado pelo fácil acesso à informação (e até pelo excesso dela), através das novas tecnologias. Rajagopalan (2003, p. 57) alerta para o fato de que, diante desse pano de fundo histórico, “os povos que habitam a terra se encontram cada vez mais interligados e imbricados uns nos outros”.

A partir dessa visão, o autor sugere uma mudança de atitude com relação aos estudos linguísticos, incentivando a busca de novas teorias que melhor satisfaçam as necessidades do mundo moderno no que concerne o estudo da linguagem. Foi essa mudança de paradigma que motivou a condução da presente análise, que tenta estabelecer um diálogo entre as Línguas Portuguesa e Inglesa através do estudo da tradução de uma obra literária, centrado na questão da Variação Linguística, que vem sendo abordada por diversos linguistas e pesquisadores, além de já se fazer presente na legislação que rege o ensino de Línguas no Brasil.

Eric Arthur Blair, de pseudônimo George Orwell, nasceu na cidade indiana de Motihari, em Bengala, no ano de 1903. Seu avô

---

<sup>10</sup> Especialista em Linguística Aplicada ao ensino de Línguas pela UFS e membro do grupo de pesquisa História do Ensino das Línguas no Brasil (GPHELB), na linha [História Literária e Ensino da Literatura: para uma história dos cânones escolares no Brasil](#).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

serviu o exército indiano e viveu na África do Sul. Além do avô, outros parentes maternos de Orwell tinham ligação com o Império. Em 1908, sua família retorna à Inglaterra, tornando-se uma família anglo-indiana pertencente ao que o próprio Orwell chamou de “baixa classe média alta” (Neto, 1984).

Outro aspecto interessante relacionado à sua vida é que Orwell iniciou sua trajetória política em 1911, quando foi então admitido no internato de St Cyprian’s como aluno “bolsista” segundo destaca Bonalume Neto (1984). O autor relata que Orwell escreveu certa vez que a educação nas escolas públicas da Inglaterra era parte de um treinamento em preconceito de classe.

É possível que a posição social em que se encontrava a família do autor tenha sido decisiva para que ele desenvolvesse o senso crítico e consciência política manifestados em suas obras. Pode-se inferir, ainda que de maneira especulativa, que o meio social no qual o autor estava inserido pode tê-lo levado a centrar sua produção cultural em obras de cunho predominantemente político.

Segundo Fiorin (2006), “o homem não escapa de suas coerções sociais nem mesmo quando imagina outros mundos” (Fiorin, 2006, p.50). Talvez por isso mesmo estejam presentes em *1984* as visões políticas de Orwell, tanto no que diz respeito à organização sociopolítica quanto no que concerne à maneira como as personagens se manifestam linguisticamente dentro da obra.

Tentou-se explicitar nesse trabalho a questão da Variação Linguística em *1984*, através do estudo da tradução publicada no Brasil por Wilson Velloso, no ano de 1984. A partir de tal análise, estabeleceu-se uma espécie de diálogo entre as culturas Inglesa e Portuguesa, à medida que foram comentadas as escolhas de Orwell paralelamente às do tradutor de sua obra.

Segundo Monteiro (2000), que tomou por base o estudo das teorias de Labov, língua e sociedade estão ligadas de maneira indissociável. Ele afirma que não se pode estudar um desses elementos sem antes se levar o outro em consideração.

Por essa razão, julgou-se necessário aproximar neste trabalho os fatores sociolinguísticos manifestados dentro da sociedade criada por Orwell, dentro do universo fictício de *1984*, para que, a partir da-

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

í, pudesse ser feita uma análise da fala das personagens de classes sociais distintas. Apresentam-se, portanto, dentro da obra, diferentes manifestações linguísticas produzidas por personagens diversos, que se expressam de acordo com a posição social que ocupam.

Pode-se observar, portanto, no texto original, variação na fala das personagens, de maneira que as que fazem parte das classes mais privilegiadas utilizam formas linguísticas de “maior prestígio”, ao passo em que os das classes menos favorecidas escolhem variedades “menos prestigiadas” da Língua Inglesa.

Para melhor entender o conceito de Variação Linguística, é interessante recorrer ao trabalho de Possenti (1996) sobre variedades linguísticas. Quanto à questão da uniformidade das línguas, o autor afirma que:

A variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou de papel entre indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua. (Possenti, 1996, p. 34)

A partir dessa afirmação, é possível elucidar o significado deste tema, tão discutido por linguistas da atualidade, chamado Variação Linguística. Paraphraseando Possenti, a Variação Linguística está atrelada à variedade social. Por essa razão, pode-se dizer que a língua reflete os papéis ou funções sociais de cada indivíduo.

Partindo-se do princípio de que toda sociedade é estratificada, ou seja, dividida em classes sociais, torna-se possível dizer que sempre haverá indivíduos expressando suas ideias, sentimentos e opiniões de modos diversos.

No artigo “Identity in language: an exploration into the social implications of Linguistic Variation” Sterling (2000) afirma que a variação manifestada na fala dos indivíduos não se dá de maneira arbitrária, mas intencional, no sentido de expressar a posição social desse indivíduo dentro do grupo social no qual ele deseja se inserir.

Esse aspecto pode ser observado em 1984, na medida em que foram explicitadas as relações de “poder” e “fidelidade” existentes entre as personagens de classes sociais distintas e descritas pelo autor no espaço ficcional da obra.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Segundo Wyler (1994), até o século XIX, a tradução literária no Brasil enfrentou dificuldades relativas à produção e distribuição de livros. A autora afirma que os gêneros textuais predominantes acabam por ser aqueles que não dependem da impressão de livros ou da alfabetização da população, que nem sempre tinha acesso à escola.

Nesse sentido, a autora comenta ainda que a criação de escolas por parte da família real, aliada à encomenda de traduções de textos em língua estrangeira, para serem distribuídos nessas escolas, teve contribuição fundamental para a expansão da tradução em território brasileiro. Esse fato nos remete ao decreto de Dom João VI, assinado em 22 de Junho de 1809, que institucionalizou o ensino de Inglês no Brasil trazendo diversas mudanças ao sistema educacional Brasileiro a partir de então (Oliveira, 1999, p. 25).

Num panorama mais recente, o mundo globalizado tem levado as ciências em geral a uma inevitável reformulação de ideias e, conseqüentemente, à promoção de um constante “realinhamento” de paradigmas. A tradução, naturalmente, não foge a essa regra, principalmente pelo fato de pôr diferentes culturas em contato.

Nesse sentido, Benedetti (2003) propõe o que ela chama de “pensar a tradução”, para evitar que esta atividade seja vista como uma simples transposição de significados desta para aquela língua. A partir dessas reflexões, pode-se pensar o tradutor como autor de um novo texto e não como simples instrumento “invisível” de transposição de significados. Segundo a autora, o tradutor representa um indivíduo inserido dentro de uma sociedade e cujas escolhas e opções serão manifestadas através de seus textos.

Por isso mesmo, o tradutor é um “catalisador de tensão entre o de fora e o de dentro”, ou seja, pelo fato de promover um contato entre duas culturas através de seus textos, ele poderá desvendar problemas, identificar tensões, rupturas e aproximações entre as culturas em questão. Tudo isso através do “intercâmbio” que se estabelece entre duas culturas, quando se traduz um texto de uma língua para outra.

Levou-se em conta ainda, no presente trabalho, a importância que deve ser dada não somente às obras escritas em Língua Portuguesa, como também às obras traduzidas de outras línguas para a

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

nossa. Segundo Batalha (1994), as obras estrangeiras e suas traduções também devem ser consideradas parte do sistema literário nacional (Batalha, 1994, p. 110). Na análise que foi conduzida, foi analisada a tradução de uma obra de grande importância no cenário cultural da década de 1980, traçando-se um diálogo entre as duas edições (original e tradução), com foco maior no aspecto sociolinguístico, que permeia os diálogos das personagens.

Antes que fosse conduzida a análise da tradução propriamente dita, foram comentados aspectos relativos à obra *1984*. A título de contextualização, pode-se dizer, de maneira sucinta, que a história, publicada pela primeira vez no ano de 1948, se passa no ano de 1984 e que todo o enredo se desenrola na Inglaterra, situada dentro dos domínios da Oceania. O mundo encontra-se dividido em 3 continentes que são constantemente dominados e vigiados pelo Grande Irmão<sup>11</sup> (Big Brother), que é a figura central do socialismo totalitário, criado por Orwell.

A narrativa da obra está em terceira pessoa, portanto o narrador é observador e limita-se a descrever o mundo a partir das experiências do protagonista Winston. A sociedade encontra-se dividida em três classes sociais principais: Os membros do Partido Interno (classe alta), os do Partido Externo (classe média) e os proles (classe baixa). As personagens, cujo perfil foi descrito no trabalho, expressam-se linguisticamente de maneira distinta de acordo com a classe social à qual pertencem, e esse aspecto foi levado ao texto de chegada (tradução) – embora de maneira nem sempre “linear” – pelo tradutor Wilson Velloso.

A seguir serão apresentadas algumas passagens da análise que foi feita, tentando comentar as escolhas do autor, em contraste com as do tradutor, no que diz respeito à questão da Variação Linguística manifestada na fala dessas personagens.

É interessante ressaltar que o que se está analisando aqui é a fala de personagens situados dentro de um mundo fictício, e que embora esse universo esteja descrito através de um texto escrito, o autor tentou passar para o texto traços da oralidade, nos diálogos entre as

---

<sup>11</sup> Termo utilizado pelo tradutor Wilson Velloso na tradução de *1984*, publicada no ano de 1984 pela Editora Nacional.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

personagens. Além disso, a variação que se apresenta na fala das personagens diz respeito tanto aos desvios da norma culta, quanto às diferenças de pronúncia, sotaque e até condição física dos falantes.

Demonstrar-se-á aqui uma pequena amostra de que cada personagem se expressa de maneira peculiar e que a fala de cada um apresenta semelhanças com as de outros indivíduos que fazem parte de seu grupo social. O tradutor, por sua vez, esforçou-se para levar esses traços de variação à Língua Portuguesa, estabelecendo um diálogo constante entre as culturas brasileira e inglesa, de forma a não comprometer o texto original e ao mesmo tempo a tornar a tradução mais fluente e menos “literal”.

*Winston e o velho do bar* (p. 86/ p.88 do texto original)

Nas passagens que seguem, é possível notar a maneira distinta como Winston se expressa, quando posto em contato com uma personagem do povo. A própria personagem, o velho, comenta a respeito da “boa educação” de Winston, quando o escuta proferir a primeira frase.

*Winston:*

- *May I offer you a drink?*

- Permites que te ofereça um gole?

*Old man (Velho):*

- *You're a gent... Pint! Pint of wallop!*

- O sr. é um cavalheiro... Uma pinta! Uma pinta da boa!

No texto original, Winston utiliza o verbo modal “*may*” para oferecer ao velho um gole de cerveja que é, dentre os demais verbos modais, considerado o que denota maior grau de educação e polidez em Língua Inglesa, podendo ser usado até mesmo nas situações mais formais de comunicação. Dessa forma, a fala de Winston acaba falando por ele, quando a personagem se dirige ao velho, que por sua vez usa a gíria “*gent*” (*gentleman ou cavalheiro*) para se referir a Winston, no intuito de fazer-lhe um elogio. Nessa passagem, o tradutor opta por conjugar o verbo “permitir” na segunda pessoa do singular “*permites*”, para dar um ar de maior polidez à sentença.

É curioso observar, no entanto, que em outras passagens da obra, o tradutor opta também pela segunda pessoa (daí uma amostra da não linearidade das escolhas do autor), mesmo quando se trata da fala dos “proles”. Com isso, pode-se chegar à ideia de que o tradutor

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

pode ter feito escolhas um pouco desencontradas, ao longo do processo de tradução.

Por outro lado, nota-se que o próprio autor oscila nas suas escolhas. Em certos momentos, utiliza formas “estigmatizadas” na fala das mulheres do povo ou quando os homens discutem sobre a loteria. Em outros momentos, opta por usar formas sem variação como “*it starts*”, destacada na passagem logo abaixo, “*I was*” e “*the beer was*”, destacadas mais adiante, também na fala do velho.

- *'E could 'a drawned me off a pint. A 'alf liter ain't enough. It don't satisfy. And a 'ole liter's too much. It starts my bladder running. Let alone the price.*

- *Ele* bem que podia me *servi* uma pinta. – Meio litro não chega. Não *satisfais*. E um litro é muito. Me faz a *bixiga trabalhá*. E o preço!?

Apresenta-se ainda na fala do velho a supressão da letra “*h*”, em diversas palavras como “*e*”, “*alf*” e “*ole*” (he, half, hole), seguidas de outras ainda maiores como “*a*”, usada para representar o verbo “*have*”, o uso do “*ain't*”, descrito por Sterling (2000) como forma “estigmatizada”, e da gíria “*pint*”, referindo-se a uma “antiga” (considerando-se ao tempo da obra) unidade de medida, usada para medir a quantidade de cerveja. Ao contrário da fala do velho, não há na fala de Winston supressão de letras e nem o uso da forma “estigmatizada” “*ain't*”. É o que se pode observar na passagem abaixo:

*Winston:*

- *You must have seen great changes since you were a young man.*

- *Deves ter visto muita coisa mudar desde mocinho.*

*Old man (Velho):*

- *The beer was better, he said finally, And cheaper! When I was a young man, mild beer – wallop, we used to call it – was four pence a pint. That was before the war, of course.*

– A cerveja era mió – disse por fim – e mais barata! Quando eu era moço, cerveja clara – Da boa – custava quatro dinheiros a pinta. Isso antes da guerra, naturalmente.

No texto de chegada, o infinitivo “*servir*”, na expressão “*podia servir*”, é trocado pela forma “*servi*”, usada para substituir o desvio presente no texto original “*e could 'a drawned*” e a forma verbal “*satisfaz*”, pelo desvio “*satisfais*”, usado para traduzir “*it don't satisfy*”. Na mesma passagem da fala do velho, aparecerem os

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

desvios “*bixiga*” e “*trabalhá*”, para traduzir as formas “*bladder*” e “*running*”, que não apresentam desvio algum. A gíria “*pint of wallop*” é traduzida pela expressão equivalente “*pinta da boa*”.

Na tradução da fala do velho aparece ainda a variação “*mió*” (melhor) usado para traduzir o termo “*better*”, que no texto original aparece escrito sem variação. Finalmente, aparece novamente a variação “*miô*”, para traduzir “*best*”, que também se apresenta sem variação no texto original e ainda “*filicidade*”, para traduzir mais uma supressão de “*h*”, posta no texto original, representada no termo “*ealth*”.

O tradutor parece, em alguns momentos, tentar compensar os desvios que não puderam ser traduzidos do Inglês para o Português inserindo outros desvios mais coerentes com a realidade da Língua Portuguesa, ainda que eles não estejam presentes no texto original, como aconteceu no caso de “*mió*”, “*bixiga*” e “*trabalhá*”.

*Velho:*

- *It's all wars. Ere's wishing you the very best of 'ealth!*

- De todas as guerras. Com os meus mió voto de saúde e filicidade.

Como já posto em discussão anteriormente, as obras literárias traduzidas têm fundamental importância na composição de um panorama histórico dos arquivos literários de um país. Tentou-se a partir desse trabalho, reafirmar a relevância da obra *1984* no cenário nacional, tentando-se identificar nela as escolhas do tradutor, Wilson Velloso, no que diz respeito à Variação Linguística posta na obra originalmente escrita por Orwell.

Nem sempre a questão da Variação Linguística ganha o destaque que poderia, principalmente no âmbito das instituições educacionais e foi justamente essa uma das razões que motivou a condução desse trabalho. Analisar a variação através da tradução de um texto literário torna-se mais acessível aos aprendizes de Língua Inglesa que outros tipos de vivência linguística, mais difíceis de serem proporcionados aos alunos das escolas brasileiras, principalmente quando se trata do ensino público.

Tanto os PCN de Língua Portuguesa quanto os de Língua Estrangeira já prevêem um espaço maior para a questão da Variação Linguística, que nem sempre é respeitado nas escolas. No que diz



## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

respeito à Língua Portuguesa, acaba-se, grande parte das vezes, por discriminar e excluir as “formas estigmatizadas” da língua. Já em Língua Inglesa, a situação é ainda mais precária, já que pouquíssimos professores de idiomas possuem um conhecimento sistemático da língua aprofundado o suficiente para saberem discernir as formas “estigmatizadas” das “não estigmatizadas”.

Desse modo, esse trabalho teve como objetivo aproximar, através da tradução, os leitores ou aprendizes da questão da Variação Linguística, de maneira menos preconceituosa e mais interativa. Dessa forma, poder-se-ia trazer à consciência dos falantes do Português, ou de qualquer outra língua estrangeira, que a maneira como cada indivíduo se expressa é peculiar e está vinculada às relações sociais que ele estabelece com outros falantes, pertencentes ao seu grupo social ou não.

Tentou-se explicitar, ainda que superficialmente, como se dão essas relações e como elas se manifestam através das escolhas linguísticas dos falantes. Para isso, utilizou-se o canal da tradução, que pôde ser usada como elo de ligação entre a Língua Inglesa e Portuguesa, manifestadas no universo de uma obra literária.

Espera-se que esse trabalho possa motivar a realização de outras análises e estudos, não apenas focando a questão da variação como também de outros aspectos sociolinguísticos, através da tradução de outras obras literárias, originalmente escritas em Inglês ou em outras línguas estrangeiras. Espera-se ainda que esses estudos possam de alguma forma contribuir para a melhoria do ensino de línguas materna e estrangeira no Brasil.

### REFERÊNCIAS

BATALHA, Maria C. The Place of Literature in the Brazilian Literary System. In: —. *Emerging views on Translation History in Brazil*. CROP: revista da área de língua e literatura inglesa e norte-americana do Departamento de Letras Modernas/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1994, p. 109-128.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

BENEDETTI, Ivone C. & SOBRAL, Adail (orgs). *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola, 2003.

FIORIN, José L. *Linguagem e ideologia*. 8ª ed. São Paulo, Editora Ática, 2006. 87 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Línguas Estrangeiras Modernas*. In: —. Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio. Distrito Federal, 1999, p.93-137.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

NETO, Ricardo Bonalume. *George Orwell*. São Paulo: Brasiliense, 1984. 95p.

OLIVEIRA de, Luiz Eduardo Meneses. *A historiografia brasileira da literatura inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951)*. Campinas: Unicamp/Instituto de Estudos da Linguagem. Dissertação de Mestrado, 1999.

POSSENTI Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

ORWELL, George. 1984. New York: Signet Classic, 1990.

ORWELL, George. 1984. Tradução: Wilson Velloso. 17ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1984.

STERLING, Polly. *Identity in Language: An Exploration into the Social Implications of Linguistic Variation*. A&M University, Texas, 2000. 17p. Disponível em [www.tamu.edu/chr/agora/archives.html](http://www.tamu.edu/chr/agora/archives.html). Acesso em 30 nov. 2007.

WYLER, Lia. Translating in Brazil. In: —. *Emerging views on Translation History in Brazil*. CROP: revista da área de língua e literatura inglesa e norte-americana do Departamento de Letras Modernas/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1994, p. 33-50.